

Durval Checchinato

À s'occuper uniquement de l'enfant, on le rejette en tant que sujet&.

M. Mannoni

Esse trabalho é testemunho de um atendimento que desenvolvemos há quase trinta anos. Lacan e Maud Mannoni afirmam que os problemas dos filhos têm sua origem nos pais. O filho é o sintoma dos problemas dos pais. Os sintomas da criança podem desaparecer quando os pais, em análise, conseguem resolver seus núcleos patógenos, causa dos sintomas da criança. Daí recebermos só os pais em análise e não a criança.

Palavras-chave: *Psicanálise de pais, criança-sintoma, núcleo patógeno*

This paper discusses a parent's clinical practice of psychoanalysis. Jacques Lacan and Maud Mannoni emphasize that children's problems take their origin from their parents. The child is the symptom of the parents' problems. The child's symptoms may disappear when his parents, in analysis, get to break up their pathogenic nucleus, cause of the child's symptoms.

That is the reason why we receive in analysis only the parents and not the child

Key Words: Psychoanalysis of parents, child-symptom, pathogenic nucleus

INTRODUÇÃO

Este artigo é o testemunho de um trabalho já de muitos anos. Trata-se de uma concepção teórica e prática inspirada na psicanalista francesa Maud Mannoni.

Maud Mannoni é uma pessoa extraordinária com quem convivi, menos pessoalmente que com seus textos recém-lançados e abordados página por página na Faculdade de Psicologia, em Estrasburgo, sob a orientação da professora Françoise Hurstel. Devo a Mannoni minha introdução na obra de Lacan. Ela faz parte de um grupo privilegiado que tanto sob o aspecto teórico como clínico, revolucionou a abordagem da loucura, movimento que vai precisamente dos anos 60 a 80. Lacan, Clavreul, Safouan, Leclaire, Perrier, Aulagnier, Foucault, Lévi Strauss, Oury, Dolto, Aubry ... e tantos outros de que tínhamos o privilégio de usufruir. Uma florada de rara originalidade e produtividade. Paralelamente, as anti-psiquiatrias italiana e

inglesa em plena efervescência: Cooper, Lang, Basaglia ... a intrigante Mary Barthes ... A dificuldade era dupla: assimilar tudo isso e escolher a quem ouvir ... Época de esplendor intelectual, teórico e clínico, hoje declinada em depressão generalizada de grupos e subgrupos que não se entendem e não se encontram. Anos difíceis esses que enfrentamos: sem liderança intelectual nem liderança política. Um mundo globalizado de incluídos e excluídos que tenta se arrumar como pode.

Nesse desarranjo geral, a família vive um desnorreamento sem par na história da humanidade. A multiplicidade de formas de famílias atuais gera uma insegurança generalizada na condução da união conjugal e da educação dos filhos. As conquistas da mulher na vida social trouxeram um desgaste nas funções do varão e a própria função paterna sofre rebaixes consideráveis com conseqüências severas para a subjetividade das crianças.

O certo é que não estamos mais na era (patriarcal ou matriarcal) das certezas; os pais estão a precisar e muito de uma ajuda a fim de descobrirem os caminhos de seus desejos e assim conseguirem alicerçar uma geração possivelmente menos neurótica, como sonhava Freud com a descoberta da psicanálise

A psicanálise se presta particularmente a esse tipo de ajuda. A psicanálise se caracteriza como uma prática clínica aberta ao novo, ao criativo, pois ela é a própria prática do significante. Ela intervém segundo a regra da abstenção, isto é, sempre preocupada com a verdade do inconsciente, ela leva o psicanalista a se abster de intervenções no real, de emitir diagnóstico, de sugerir ou indicar caminhos. Atuando sempre pelo princípio de castração, ela acredita (é a fé do cientista) na virtualidade da palavra e na eficácia de seu poder. Os pais iluminados pela descoberta de suas verdades se transformam em sua subjetividade e, conseqüentemente, possibilitam mudanças subjetivas aos filhos.

Opino que a análise dos pais é uma prática hiper-oportuna. É preciso escutar os pais pós-modernos em suas angústias cheias de perplexidades. Se a função do psicanalista é escutar a angústia de seu tempo (Lacan), com maior razão importa escutar os pais, pois o futuro da humanidade sempre estará comprometido com a qualidade dos filhos que forem capazes de criar.

Freud soube fazer isso. O caso Hans é o primeiro caso de análise de pais, embora só o pai tenha comparecido ao consultório. Freud e, mais tarde, Lacan dizem que o analista de Hans foi o pai dele. Não concordo. Hans não teve analista. Quem teve analista foi o pai de Hans. E se um caminho se lhe abriu na vida, foi por que seu pai, de alguma maneira, graças à análise com Freud, veio assumir a função paterna. Hans, desesperado ante a falha dessa função veio a vivê-la na síndrome do pânico (que hoje é encarada como novidade na psicopatologia!) do

cavalo com um grande pipi, sobretudo o cavalo que caía. Na verdade era seu pai que caía de sua função paterna, o deixava em pânico e ele não sabia o que fazer com o seu pipi diante das incursões de uma mãe que abusava de sua função materna. Única coisa a lamentar: vítima de preconceitos da época sobre a mulher (mãe), é pena que Freud não tivesse ouvido também a mãe de Hans. Caso isso tivesse acontecido, a retificação de sua relação edípica com o filho certamente teria sido facilitada e contribuído enormemente para o trabalho de reestruturação subjetiva dele.

Os tempos mudaram e hoje, felizmente, a mulher, a mãe, em pé de igualdade com o homem na responsabilidade de educar os filhos, é tão indispensável na escuta analítica quanto o pai. Foi preciso esperar quase um século para que Lacan não só reconhecesse à mulher seu lugar, mas lhe atribuísse uma função essencial na criação dos filhos: a própria função paterna depende do caso que ela, a mãe, faz da palavra do pai.

Vejamos o que Lacan e Maud Mannoni pensam sobre isso:

LACAN: A CRIANÇA, SINTOMA DOS PAIS

Em duas notas manuscritas, em 1969, Jacques Lacan escrevia à Dra. Aubry, psicanalista de criança, membro da Ecole Freudienne de Paris, mãe de Elizabeth Roudinesco, uma síntese do que ele julgava importante levar em conta no sintoma da criança. Eis aqui (em negrito) a nota, seguida de meus comentários:

"Na concepção que Jacques Lacan elabora, o sintoma da criança se encontra no lugar de responder àquilo que há de sintomático na estrutura familiar" (1)

Lacan faz essa afirmativa tranqüilamente, como quem constatou o fato na clínica. Não lhe paira dúvida.

O lugar da criança na estrutura familiar é sempre um lugar sintomático. *É esse lugar que nos ilumina na condução da análise dos pais.*

A criança é alvo de projeção dos ideais, das frustrações e dos problemas dos pais. Esse lugar é um lugar de gozo, gozo da realização de desejos inconscientes e às vezes inconfessáveis dos pais, como gozo da criança por sentir-se encaixada nos desiderata que a determinam e subordinam. Há uma complacência mútua e uma convivência tácita. Trata-se de um *modus vivendi*

possível em que a saída sintomática encarnada na criança responde ao recalcado e aos ideais

de ego dos pais.

Note-se: a posição da criança é sintomática. Ora, o sintoma não é doença. Onde, então, se encontra a doença, causa do sintoma da criança? Evidentemente na "estrutura familiar". Mas quem constitui essa estrutura? Obviamente os pais que a *priori* a fundaram como marido e mulher, senão como genitores. Conclusão: o lugar do sintoma é a criança e o lugar da doença (causa) está nos pais. Disso decorre com evidência que são os pais que precisam ser tratados e, tratados, os problemas (sintomas) das crianças conseqüentemente se dissiparão.

"O sintoma, eis o fato fundamental da experiência analítica, se define nesse contexto como representante da verdade".

"A psicanálise nunca é o discurso científico que dela fala", diz Perrier. Por que? Porque a psicanálise em si, nela mesma, é uma experiência. Só quem passa por uma análise "sabe" o que é a psicanálise. E tomemos "sabe" em seu sentido radical: o "gosto" dela só o tem quem a ela se submete. Se tal alimento sabe a peixe ou a feijão, a psicanálise sabe a psicanálise. Isto é, a experiência do encontro com o inconsciente (JLP dizia Lacan e não mais "xJ@:"J@<) é absolutamente única e regeneradora. É a liberdade de sujeito reconquistada. A volta ao estado de saúde. Uma experiência subjetiva, uma experiência de ser sujeito. Isto é absolutamente específico da psicanálise: trata-se de uma experiência do sujeito do inconsciente. Mas em que consiste essa experiência? Consiste em descobrir que o sintoma é o representante de uma verdade. A psicanálise é uma ciência porque cuida de estabelecer uma verdade: a verdade do sintoma.

Como o sintoma pode ser verdade se ele é "apenas" um representante dela, um camuflado, um representante da representação?

Entramos aqui na própria prática da psicanálise. É a transferência entre analista e analisante (entre pais e analista) que energiza a associação de idéias (troca de significantes) ao redor do sintoma, é a transferência, dizia eu, que possibilita que a verdade re-presentada, escamoteada, emerja como que pelo acaso. O sintoma (o significante!) sempre antecede à verdade, ele é a própria "certeza antecipada" dela. O segredo da análise consiste em não largar ("démordre") a presa do sintoma.

O grande projeto iluminista de Freud no fim do século XIX, consistiu numa descoberta estupenda: o inconsciente. Infelizmente, um século depois já não nos deslumbramos com tamanho achado. Mas pensemos um pouco: após milhares e milhares de anos da existência dos humanos, somente, apenas somente no fim do século XIX Freud levantou o véu do mistério desse continente, depositário, registro das verdades do sujeito. E o paradoxo dessa descoberta está no fato de que ele aproveita dos rejeitos desse continente (sonhos, atos falhos, esquecimentos...), sempre tão desprezados pela "ciência" e filosofia dos séculos precedentes, para demonstrar que são justamente eles os portadores (embaixadores) das verdades desse universo até então desconhecido. Se de um lado o projeto iluminista de Freud é um compromisso com a verdade, especificamente com a verdade do inconsciente, de outro ele responde à mais pura tradição talmúdica da verdade. **(2)** A proibição: " não farás para ti imagem de escultura... não te prostrarás diante delas, não lhes prestarás culto" foi sempre, paradoxalmente, a diretriz de Freud. Nunca fazer de uma verdade um ídolo, uma estátua fria e muito menos adorá-la como única. A verdade sempre é verdade em relação a outra verdade, jamais A VERDADE. A verdade da análise é sempre a do representante dela. A experiência fundamental da psicanálise consiste num encontro, o encontro do sujeito com uma verdade sua.

"O sintoma pode representar a verdade do casal. Aí está o caso mais complexo, mas também o mais aberto às intervenções".

O sintoma (da criança!) oculta uma verdade: a verdade do casal. É impressionante o que ocorre quando um casal consegue descobrir a verdade deles. Na medida em que se abrem às intervenções , exatamente na medida em que se abrem às palavras intervenientes na transferência, aparece a possibilidade de transformação numa família e... incrível, os sintomas da criança desaparecem. Embora os sintomas do casal sejam mais complexos, sem dúvida nenhuma eles estão mais abertos às intervenções. Um casal psiquicamente disponível (não perverso!), à procura de um rearranjo de vida familiar, certamente se abre às intervenções e se deixa tomar pelas verdades que vão sendo descobertas. A análise de pais, visa pois, descobrir " a verdade do casal".

"A articulação se reduz muito quando o sintoma que acaba dominando diz respeito à subjetividade da mãe. Aqui é diretamente como correlativo de uma fantasia que a criança está interessada".

Lacan sempre assinala a importância da mãe na questão da orientação da pulsão da criança. Se o sintoma diz respeito a um núcleo neurótico ou psicótico da mãe, a articulação dele se torna mais complicada. E se a mãe for perversa, o filho praticamente fica sem saída.

Provavelmente só lhe resta perverter-se por sua vez.

A situação da criança fica difícil quando ela é mera expressão de uma fantasia da mãe. A mãe não a tem em conta de um sujeito com direito ao próprio desejo. A mãe simplesmente a considera como um correlato de sua fantasia. E a criança acaba se submetendo a esse papel, afastando-se cada vez mais da própria subjetividade e do desejo próprio. Ela passa a ocupar um lugar perigoso: o do complemento da mãe. Nesse caso a articulação de sua subjetividade se complica.

" A distância entre a identificação com o ideal de ego e a parte presa no desejo da mãe, se ela não tiver mediação (aquela que normalmente a função do pai assegura) deixa a criança aberta a todas as tomadas fantasísticas. Ela se torna o "objeto" da mãe e não tem mais função que revelar a verdade desse objeto".

A complicação que supra explanamos provém do conflito em que a criança fica manietada ante o ego ideal de seu horizonte subjetivo, que tenta afirmar, e a prisão do ideal de ego dos desejos de sua mãe, que lhe tolhem os passos.

A saída possível do impasse seria um socorro provindo da função paterna. A função paterna é a função terciária, é a introdução do Outro nessa relação dual sem saída. Mas, como precisamente diz Lacan: "... aquilo sobre o qual nós queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se acomoda com a pessoa do pai que conviria se ocupar, mas do caso que ela faz de sua fala., digamos a palavra, de sua autoridade, dito de outro modo, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei ". **(3)** Caso, portanto, a mãe não se deixe castrar pela função paterna, a criança estará em perigo, será presa fácil de todas as incursões dos desejos da mãe. Ela não passará de um "objeto" a serviço e aos avatares das fantasias maternas. A criança não terá outra função que, como "objeto", revelar a verdade desse próprio "objeto". Mas aí o que fica comprometida é sua subjetividade. Nesse caso, abrem-se caminhos para todas as patologias possíveis: psicoses, neuroses ou perversões!

" A criança realiza a presença daquilo que Jacques Lacan designa como objeto a na fantasia".

O objeto a foi uma descoberta genial de Lacan. Um dia Serge Leclair, no Rio, me disse que só

essa descoberta seria suficiente para consagrar Lacan como inovador na psicanálise. E de fato, ao propor a relação de objeto de Abraão como uma álgebra -- a de "autre", outro -- Lacan formalizou o conceito e permitiu que essa relação seja entendida de maneira adequada.

Primeiro, fica evidente que toda relação de objeto é uma relação parcial, jamais uma relação total ou totalizante. Ao nomear o "objeto" de a Lacan explicitou: que o objeto sempre é parcial; que o objeto é outro porque o que da realidade se imprime no inconsciente pelo processo primário é sempre outro daquele que a realidade apresenta; que é verdadeiramente um "outro" pois não o podemos ver ou contemplar: que como um outro que absolutamente nos escapa, lhe calha bem a simples denominação de "objeto a" ; que esse objeto "a" não é único , mas uma infinitude, pois de tudo que vemos ou de tudo com que entramos em contato tenhamos ou não consciência desse "tudo", "algo" se grava em nosso inconsciente mediante o processo primário para nunca mais se apagar; que esse "objeto" gravado jamais fica parado, movimentado que está pela força da pulsão, "força constante", e, tal como um astro que sempre ao perfazer seu périplo retorna à mesma órbita, infalivelmente o "objeto a" retorna ao foco de nossa concupiscência; que esse retorno continua a ser efetuado sempre que uma fantasia ou algo do mundo externo relacionados a ele entre no radar de nosso ego; que esse "objeto a" não é, logicamente, especularizável , sua presença se faz notar como um chamado concupiscente , um estímulo que, para nós humanos, se apresenta em forma de desejo; que, então, a causa do desejo é o "objeto a" na tela de nosso ego; que o objeto "a" nos dá a "garantia", a certeza implícita de que estamos inseridos no mundo, na realidade; que, paradoxalmente, nos fornece a sensação de concretude de nossa presença nesse mundo. Ele é a ponte entre o Innenwelt e o Umwelt.

Temos então que a criança (o ser humano) é determinada pelo discurso parental e pelos objetos a que a vão estruturando em relação ao mundo. Lacan desdobra essa afirmação da seguinte maneira:

$\$ \langle \rangle a$

Entenda-se:

$\$$ = sujeito barrado

a = objeto a

$\langle \rangle$ = união - desunião

junção - disjunção

inclusão - exclusão

O sujeito se constitui por uma dupla face: de um lado pelo significante (essencialmente aquele que o nomeia), pois trata-se de um fal'ente , um ente que fala, isto é, um ente cujo ser é a

palavra. "A palavra é a morada do ser", dizia Heidegger. Alienado de si, o ser humano está condenado a viver no exílio de si mesmo, sempre dividido entre a representação e si mesmo. Seu lote é essencialmente a falta para ser.

Rimbault pôde escrever: "eu é outro" e Fernando Pessoa vivenciou essa verdade em inúmeros versos. Sua obliquidade sempre lhe mostrou a realidade deste destino de fal'ente:

"Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes, instruções de além
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido..."

x x

"Que destino se passa em mim na treva?
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?
O meu destino tem um sentido e tem um jeito,
A minha vida segue uma nota e uma escala,
Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e que sou; não me iguala
Não me compreendo nem no que, compreendendo, faço.
Não atinjo o fim ao que faço, pensando num fim." (4)

De outro lado, o sujeito humano não é pura representação. Movido que é não por instinto, mas por pulsão, essa representação inevitavelmente vem recheada de carga afetiva, concupiscente, com uma força especial que denominamos desejo. Logo, é preciso entender a estrutura do sujeito como apoiada, determinada pelo objeto que sustenta esse desejo, isto é, o objeto a . É por isso que, trabalhando o significante (a representação), simultaneamente alteramos, modificamos ou anulamos a carga afetiva que faz sofrer. E cessando o sofrimento cessa a análise, pois a análise trata do "real enquanto faz sofrer". Com outras palavras, não nos ocupamos do afetivo e, sim, do significante que o encarna.

O desejo, humana sina, simplesmente porque o homem é um fal'ente, é por excelência uma fatalidade inerente à linguagem, é a pulsão representada. Aqui a falta para ser fecha o ciclo, pois o desejo é simplesmente insaciável. Sempre que pensamos realizá-lo, ele brota com energia redobrada.

Fernando Pessoa descreve o desejo de maneira admirável:

"Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram"

x x

"O segredo da busca é que não se acha"

x x

"Para onde vai a minha vida e quem a leva?"

Por que faço eu sempre o que não queria?"

x x

"Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim." (5)

Isso exposto, elucida-se que a fórmula lacaniana de fantasia é um rico achado. O sujeito, barrado (trata-se de um fal'ente), movido pelo desfile de objetos que constituem seus desejos, é chamado a descrever sua órbita nesse mundo com a imposição ética de não abrir mão deles, uma vez conhecidos: "não cederás ao teu desejo". Mannoni conclui: " O lugar do objeto na fantasia funciona como armadilha, em nível do desejo secundário. O desejo é assim invocado a se fracionar incessantemente, e quando o objeto da demanda é satisfeito opera-se uma parada no movimento que porta o sujeito: a fantasia surge no instante em que o desejo já não está mais a fim de relançar o sujeito no caminho do desejo do objeto substitutivo. O sujeito marcado pelo significante é, ao mesmo tempo separado e encadeado (<->) ao objeto da fantasia; em sua procura ardilosa ele é conduzido a colocar no outro o objeto da fantasia, fazendo do outro o suporte e o sustentáculo de uma falta fundamental". (6)

Ora, voltemos ao filho. Mesmo antes de a criança vir ao mundo ela já se constitui como objeto dos ideais dos pais, especialmente da mãe. Nascida, na medida em que vai crescendo, ela vai se tornando a concretização desses ideais e aí todos os acertos e falhas são possíveis. Ou seja: "a criança realiza (para a mãe) a presença daquilo que Jacques Lacan designa como objeto a na fantasia", isto é, objeto do desejo da mãe. A luta do filho será a de concretizar seus próprios desejos, conciliando-os com os desejos dos pais ou deles se libertando.

'Ao substituir esse objeto, ela satura o modo de falta em que se especifica o desejo (da mãe), qualquer que seja a estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica'.

O desejo da mãe, como qualquer desejo, terá sempre uma falta, não fosse senão a intenção de ter gerado o filho. Mas é isso que pesa, pois trata-se de um sujeito! O filho vem então como "preenchimento" dessa falta. O que, sabemos, será sempre uma lida ilusão. Mas pelo fato de ser inconsciente nem por isso essa ilusão deixará de ter na prática maiores ou menores conseqüências. Tudo depende da estrutura do desejo da mãe. Inclusive a geração de um filho normativizado. Se essa estrutura for perversa ou psicótica as conseqüências para o filho serão mais pesadas, senão drásticas. Maud Mannoni diz que é preciso três gerações para produzir um filho psicótico. O mesmo, sabemos pela clínica, se pode dizer de um sujeito perverso.

Ora, o trabalho com os pais pode interromper essa seqüência ou conseqüência desastrosa para a terceira geração. E isso é muito! Um homossexual não se faz numa só geração. Mas um obsessivo (talvez a mais terrível das conturbações psíquicas) se faz em apenas uma geração. Basta uma mãe que em tudo imponha seus desejos ao filho e o faça incapaz de abrir mão desses seus desejos.

De todo modo o filho sempre será vítima e/ou beneficiário da estrutura psíquica da mãe. Ele será convocado a ser o substituto do objeto que falta à mãe (fálus) ou caso tenha a felicidade de ter uma mãe boa, isto é, aquela que sabe ser suficientemente inútil, ele terá a felicidade de ter acesso crescente ao desejo próprio e à construção de sua subjetividade.

"Ela aliena em si todo acesso possível da mãe à sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência e mesmo exigência de ser protegida"

A posição da criança-sintoma é comprometedora: ela simplesmente responde à falta na mãe. Oferecendo-lhe o corpo para a mãe cuidar, sempre manifestando-se incapaz para a higiene pessoal, para a alimentação ou para a escolha da roupa, consagrando-lhe a existência, nada arriscando que não seja direcionado por ela ou afetando que sem a proteção dela é impossível subsistir, a criança (o filho) perpetua a sua infantilização e se incrusta como tampão, impedindo a mãe de ter acesso à verdade que ela, a criança, oculta: a verdade que ela paradoxalmente manifesta como sintoma da falta na mãe. Mãe e filho, em convivência sintomática, num jogo de esconde-esconde juram incapacidade de modificar as coisas. Tudo sacramentando num "não consigo" perpetuado.

Tributo caro, este de ser sintoma, essencialmente da mãe ou do discurso parental. Talvez pudéssemos dizer que não há possibilidade de ser pai e mãe sem que o filho seja sintoma, com certeza genético senão psíquico dos pais. O problema todo está no peso ou na densidade da estrutura parental. Neurose, perversão e psicose são lotes possíveis de ser sujeito humano; a questão toda está no quantum os pais podem preservar os filhos de suas mazelas, nem sobre eles lançando suas falhas, nem deles usando para ilusoriamente as preencher e nem os pré-determinando em seus desejos a ponto de os privar de ter acesso aos próprios.

E o paradoxo dessa posição consiste em que a criança se constitui numa alienação, isto é, num obstáculo para a mãe descobrir sua verdade

"O sintoma somático dá a máxima garantia a esse desconhecimento; ele é o recurso inesgotável conforme os casos, a testemunhar culpabilidade, a servir de feitiço, a

encarnar uma primordial recusa"

A alienação estrutural do fal'ente o condena a uma incessante e inescapável procura da verdade. Mas a verdade -- 80h0ÉV -- por definição, como disse Heidegger, é por excelência des-ocultação. Tirar do 80hl - o rio do esquecimento.

O sintoma do filho caminha no sentido contrário: tem a finalidade de praticar uma ocultação, um desconhecimento de uma verdade perturbadora. Ora, toda verdade subjetiva perturba, pois ela é sempre um destronamento de nossas "certezas imaginárias".

Note-se que aqui Lacan explicita o sintoma: trata-se do sintoma somático. Portanto, aquele que de alguma maneira ou de outra se aninha no corpo ou em sua fisiologia, muitas vezes desafiando o diagnóstico médico e as tentativas de solução dos pais. "Sintoma somático" : a dor de cabeça inespecífica, o não conseguir dormir, o choro, o alimento "voluntariamente" vomitado, o cocô retido, o xixi enurético, a garganta que não cede, a febre de repetição, a dermatite atópica, o balanceio, a automutilação, o ranger de dentes, o sono agitado ou intermitente, a dor de barriga inesperada, o grudar-se na mãe em dia de festa, o morder a gola da blusinha até molhá-la inteira... Uma infinidade tão infinda de sintomas como infindo é o sujeito humano... O sintoma da criança alimentado pela mãe precipuamente ou pelo pai (vide Schereber!) se constitui numa fonte insecável a jorrar culpabilidade: dívida insaldável da mãe ou do pai com os pais, com a vida, a religião ou mesmo o bem-estar do filho.

Este, então, recebe cuidados tais que se destinam à reparação ou à compensação de um saldo negativo jamais positivado. Mas nesse caso o filho leva a triste sina de ser moeda de troca. Isso não é infreqüente no caso em que a criança se destina a ocupar o lugar de outro, que morreu. Sobretudo quando leva o mesmo nome. Ingrato destino! Pior ainda quando o filho serve para cobrir a castração, driblá-la sem cessar, ao ser constituído como feitiço da perversão materna.

Mas, talvez o mais problemático se dê no caso em que o filho é colocado como sintoma de uma recusa primordial, simplesmente a recusa de querer ser mãe ou o repúdio do filho por ser esperado (a) um (a) e ter nascido outra (o).

Trata-se de uma criança rejeitada no nascedouro; ela já vem ao mundo sem um lugar no

discurso, ou melhor, no desejo da mãe ou do pai.

Muitas vezes me pergunto: por que as mães que não querem ser mães, não se dão o sagrado direito de assim agir!

"Breve, a criança na relação dual com a mãe lhe dá, imediatamente acessível, o que falta ao sujeito masculino: o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real. Daí resulta que na medida daquilo que ela apresenta de real, ele se oferece a um suborno maior na fantasia".

Lacan nos ensina que há dois tipos de relação na construção da subjetividade humana: a relação dual e a relação terciária. A relação dual é sempre uma relação sem saída em que pese a proposta de Hegel de que a luta de prestígio do Senhor e do escravo teria uma solução no final da História. A relação dual é sem saída porque ela gera o impasse da submissão do outro e, daí, a morte (subjetiva ou física) do outro. A criança submetida ao desejo da mãe, a criança "aparecendo no real" como "objeto de sua existência" fica sem acesso à subjetividade, pleno se for autista, em parte se for neurótico ou psicótico. Quanto mais a criança se presta a essa sedução inescapável mais ela será subornada na fantasia com a ilusão de poder ser amada, compreendida e, em contrapartida, poder preencher a falta da mãe. Relação mortífera, pois a criança dela não tem saída, ou seja, ela fica sem acesso ao desejo próprio, à própria subjetividade.

A relação terciária, entretanto, aquela em que a mãe "faz caso da palavra do pai", é uma relação benfazeja, que o coloca na linguagem, numa "inscrição" terceira.

Terciária, porque a mãe, castrada, não permite que o filho ocupe o lugar da falta ou do complemento que ela não tem. Ocupando o lugar terceiro a criança se encontra no ápice da relação triangular do Édipo, em equidistância do pai e da mãe, deles se separando na medida em que puder dispensá-los. Daí decorre que a mãe ideal é aquela que sabe ser inútil para a criança na hora e na idade certas. Apenas a relação terceira permite que a criança tenha acesso ao seu desejo e assim vá constituindo sua subjetividade. A nomeação (do nome do pai) é o primeiro passo para que a criança se ordene nessa relação. O nome que ela porta e que a porta, a coloca como terceira entre pai e mãe, entre ela e o outro. A função paterna é o princípio ordenador que separa a criança do desejo da mãe, institui a diferença sexual e lhe concede acesso ao próprio desejo. Propriamente dito, é nisso que se constitui a castração. Ora, a castração é simplesmente determinante, como diz Lacan, para a normalidade e a

anormalidade.

Resumindo: a relação dual é sempre prejudicial para a criança, como o é em terapia. Nessa relação o sujeito masculino, aquele a quem falta a possibilidade de gerar, de produzir um real-corpo, se presta de maneira particularmente propícia a um suborno maior por parte da mãe. Ele funciona como um obturador da falta da mãe uma vez que se apresenta não apenas na fantasia dela mas no real da existência. Resultado: na fragilidade da sua existência, na sua impotência radical (helplessness), a criança quando não respeitada como sujeito se torna presa fácil das falhas da mãe e não terá outra saída que ser sintoma dos problemas dela.

" Vendo o fracasso das utopias comunitárias, parece que a posição de Lacan nos lembra a dimensão do que segue".

"A função de resíduo que sustenta (e ao mesmo tempo mantém) a família conjugal na evolução das sociedades coloca como valor o irreduzível de uma transmissão - que é de outra ordem que aquela da vida segundo as satisfações das necessidades -- mas que é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.

Todas as tentativas de criar a criança em comunidades coletivas (experiência, por exemplo, na Alemanha de Hitler ou da Rússia comunista) fracassaram redondamente. De outro lado crianças de pais mortos na guerra e criadas em creche, ou, mesmo em dias de hoje, crianças em creche, tratadas de maneira coletiva com rodízio de pajens ou enfermeiras, apresentam severas patologias de hospitalismo: incapacidade de alcançar a estrutura do Eu, ausência da dimensão do outro, impossibilidade de usufruir da subjetividade e do acesso ao desejo próprio, ausência do Outro com severa conseqüência para a dimensão simbólica. Sem a estrutura imaginária e o registro do simbólico essas crianças apresentam sintomas que são a prova concreta da falta do Outro: transitivismo prolongado, auto-mutilação, mordidas no próprio corpo, balanceio, auto-erotismo instintual, descontrole fecal e urinário, facies paralisado, sem expressão de alegria ou vida, olhar vago , muitas vezes, marasmo e morte!

Lacan constata que dificilmente o ser humano tem saída fora da estrutura familiar. As experiências fora dessa estrutura e as patologias constatadas parecem comprovar a fundamentação dessa concepção. A família, minimamente família, é absolutamente necessária para a viabilização do sujeito humano. A construção da subjetividade humana é algo muito complexo. Ela só pode se efetuar pela referência constante à mãe e ao pai, ou aos que tais possam ser.

Com o processo da globalização vivemos num mundo literalmente desmontado. A família tomou tantas formas que já não podemos falar de "a família". A "produção independente" se

multiplicou mundo afora. O pai como "chefe" de família tornou-se um conceito fluido. Cada vez mais, como observou Lacan, a função paterna se diluiu em todas as sociedades. A mulher, por sua vez, sempre mais conquistando posições no mundo, na sociedade, na esfera das funções públicas e liberais, está longe de ter conquistado um lugar que lhe permita uma identidade tranqüila. Exemplo disso é aquilo que se achou por bem de designar como "dupla jornada". Hoje já não falamos em paterfamílias ou no pátrio poder. Falamos simplesmente de autoridade parental, valendo tanto para o pai quanto para a mãe.

As relações conjugais tornaram-se mais tensas, com, no fundo, uma disputa de papéis e de poder, ou, talvez com uma indefinição das funções ou mistura delas. Hoje há múltiplas formas de família que fogem aos modelos matriarcal e patriarcal.

Mas talvez a característica mais acentuada das famílias pós-modernas seja a flacidez de vínculo matrimonial. Note-se também a tendência de se constituírem casais temporais sem muita preocupação com a efetivação legal da ligação.

Além disso, a pós-modernidade, sobretudo com a globalização, diluiu os limites dos hábitos e costumes dos povos e a intercultura faz parte de nosso cotidiano. Os limites de pátria, de língua e de povos estão ruindo como simbolicamente ruiu o muro de Berlim, símbolo máximo de uma impostura desavergonhada separando um mesmo povo em dois. Um pouco antes, maio de 68 em França representou a mudança radical da modernidade para a pós-modernidade. É a partir daí que 1970 é considerado fim do século 20. Maio de 68, com a subsequente renúncia do grande General De Gaulle, teve conseqüências definitivas na passagem da modernidade para a pós-modernidade. Em França, o reflexo dessa verdadeira convulsão social está explodindo na geração atual dos adolescentes e das crianças. Disciplina, respeito aos pais e aos professores estão cada vez mais ausentes nas novas gerações.

A pergunta feita então, e agora repetida, é a mesma: que efeito terá sobre as gerações montantes essa incrível quebra ou atenuação da função paterna? É interessante verificar como cada vez mais o pai pós-moderno não raro se apresenta como uma figura assustada, atônita, às vezes até imbecil e a mulher, a mulher-mãe, a tomar a dianteira.

Se de um lado Lacan verifica o fracasso das "utopias comunitárias" que pensar dessa posição da função paterna in fading? Ele não hesita em mostrar sua preocupação:

"... Mas um grande número de efeitos psicológicos nos parecem depender de um declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno de efeitos extremos do progresso social no indivíduo, declínio que marca sobretudo, em nossos dias, nas coletividades que mais sofreram esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas..."

...Declínio mais intimamente ligado à dialética da família conjugal, já que se opera pelo

crescimento relativo muito sensível, por exemplo, na vida americana, das exigências matrimoniais.

Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica" (7)

Se nossa função de psicanalistas é a de incondicionalmente acolher o paciente (ou a família) cujo real o (a) faz sofrer, com Freud continuamos a desconfiar do progresso. Ele é inevitável mas, incrivelmente, pouco tem contribuído para a justiça, a igualdade e a paz entre os homens. Mais ainda, o mundo atual, com imensos avanços em todos os campos da ciência e da técnica, está a impor a mais cruel e impiedosa divisão entre os homens, a tenebrosa partilha entre os incluídos e os desesperadamente excluídos. O mal-estar da civilização atual (fome, violência, culto do imaginário, guerras, fanatismos religiosos, AIDS...) é extremamente perturbante! A verdade é que nós, psicanalistas, diante de tantas "mutações", temos mais perguntas que respostas.

Que será dessa geração onde a função paterna pouco se faz presente ou está simplesmente ausente?

Que subjetividade terão, *exempli gratia*, os filhos da homopaternidade? Que identificação sexual se lhes será facultada, onde não há um homem e uma mulher para marcar a diferença sexual?

O transporte puro e simples de significantes ("casal", "marido", "mulher", "pai", "mãe", "filho"...) que apreendem a relação heterossexual da família para a união homoerótica é inepto e ilusório. Não se brinca com as palavras. Elas apreendem o real delimitando a realidade. Haveria de se inventar outros significantes que consigam apreender outras formas de união! Como, por exemplo, ficará a função paterna encarnada numa mulher que diz ser o pai da criança? Que identificação se lhe está oferecendo se ao crescer ela verá claramente entre os seus colegas que a paternidade é exercida por um homem e a maternidade, por uma mulher "tout court"? Que será de um adolescente crescido nessas condições, ao verificar que o homoerotismo não tem possibilidade de gerar um filho?

Perguntas, perguntas... Uma coisa é defender uma idéia acadêmica, ou mesmo uma ideologia, outra é aquela com que lidamos diuturnamente na clínica: o real insuportável, dolorosamente insuportável do sofrimento humano.

Que pensar da subjetividade de filhos de laboratório, cuja paternidade se restringe a um espermatozóide descongelado? Como viverão estas crianças na sociedade? Que castração

alcançarão elas para normativizar a pulsão e transformá-la em energia sublimatória?

Toda paternidade (ou maternidade) tem que ser responsável, pois trata-se da felicidade ou infelicidade de um ser humano inocente, radicalmente incapaz de traçar o destino de seu desejo. Toda conquista dos discriminados só tem sentido se ela for vivida como realização humana, subjetiva. Desde que seja vivenciada como desafio, provocação, luta de prestígio, trata-se mais de uma reivindicação ou de uma desforra do que realização subjetiva e social. Se a adoção de filhos por homossexuais se caracterizar por esse imaginário, certamente terá conseqüências com prognósticos sombrios.

Por mais que a crise se instale, Lacan não deixa de insistir sobre a necessidade da família (por mínima que seja) como sustentação da criança e da formação do homem.

Em "Os Complexos Familiares" **(8)** ele insiste: "Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputados por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão das pulsões, na aquisição da língua acertadamente chamada materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, preside essa organização das emoções segundo tipos condicionados pelo meio ambiente, que é a base dos sentimentos, segundo Shand; mais amplamente, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência. Ela estabelece desse modo, entre as gerações, uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental."

Continuando nosso comentário, poderemos constatar que Lacan explana o que ele entende por "causalidade de ordem psíquica" da família.

Aqui, no texto que tentamos explicitar, ele fala de um "resíduo" que sustenta e mantém a família, um resíduo que não é da ordem biológica ou da ordem da necessidade (isso é simplesmente suposto) e, sim, da ordem psíquica. A pulsão não encontra saída senão na família humana. Trata-se de um valor de ordem da transmissão de gerações -- algo simplesmente irreduzível ao biológico ou ao social, algo que diz respeito ao desejo nominado de formar uma parceria conjugal, parental, de ter um filho que seja a continuidade da vida e dos ideais do casal. O irreduzível desse elo de vida que sustenta a família é o desejo, aquilo que é específico à ordem humana e que a sustenta. Ora, paradoxalmente é o desejo que acarreta todos os perigos e todas as chances para o filho.

Dito isso, fica evidente a necessidade imperiosa de escutar os pais quanto aos desejos que os sustentam ou não, que os mantêm ou não como pais. Os sintomas dos filhos serão, com certeza clínica, resposta aos desejos inconscientes deles.

Notamos uma certa imaturidade prolongada no homem pós-moderno a ponto de ter-se-lhe atribuído o termo *adultescente*. Assumir uma mulher, um casamento, ter filhos é coisa que o espanta. O homem está fugindo diante das incursões da mulher pós-moderna. De um lado, grande parte das mulheres se tornou invasiva. E isto de certa maneira bota os homens em retirada. O relacionamento sexual ou afetivo que não sabe a conquista mútua é desconstrutivo, retira o encanto da descoberta e a admiração mútua. De outro lado, ao se assenhorem do poder ou funções que durante muito tempo foram exclusividade dos homens, as mulheres se tornaram um tanto impositivas senão ousadas. Passaram à ofensiva. Os homens, muitas vezes meio perplexos, entram reativamente na defensiva. Ora, nada mais desagradava uma verdadeira mulher, uma mulher verdadeiramente feminina, que um homem pouco homem, um homem não verdadeiramente homem. E aí o círculo vicioso se fecha, as incertezas tomam conta de todos. Em casos que tais, não é de admirar que a função paterna fique comprometida.

"É segundo tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe, enquanto seus cuidados portam a marca de um interesse particularizado, fosse ele pela via de suas próprias falhas. Do pai: enquanto seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo"

Não deixa de causar estranheza que Lacan fale aqui de : *é segundo tal necessidade...*" quando na frase anterior falava de um resíduo de sustentação e manutenção da família, resíduo esse ligado a uma transmissão que não é da ordem das necessidades biológicas e, sim, de um "desejo", não "anônimo", assumido por um homem e uma mulher. Talvez isso mostre a plena convicção de Lacan de que a criança, fora da triangulação com o pai e a mãe, tenha um futuro comprometido, com oportunidade diminuta de um desabrochar especificamente humano.

A transmissão da filiação, muito além da tramitação biológica, se passa em nível da transferência, graças ao grande Outro encarnado nos pais, sobretudo no pai. Trata-se de uma obra da cultura e não da carne.

Realmente são os cuidados da mãe que possibilitam que a criança encontre uma matriz benfazeja para a fundação de sua subjetividade. As faltas da mãe com certeza propiciam que a criança tenha acesso a seus desejos. O jogo de presença e ausência ensaja, como Freud o

demonstrou no caso de seu neto, a inscrição da falta em significantes que sustentam a subjetividade.

De outro lado, as funções do pai se concretizam na vetorização da encarnação de Lei. Lei que, ao nomear a criança com o nome do pai, a define como não sendo para a mãe e, sim, para a continuidade da família, da cultura, da civilização. O nome do pai "encarna a Lei no desejo da criança", arrancando-a da ordem do acasalamento e inserindo-a na ordem humana como um "socius" de direitos e deveres.

MAUD MANNONI : A CRIANÇA, SINTOMA DOS PAIS

Retornemos a Maud Mannoni: Mannoni é uma criatura privilegiada da psicanálise, encadeando-se com Klein e Dolto. Criaturas realmente inspiradas, com um conhecimento profundamente feminino do ser humano, sua estrutura, seus limites, suas fraquezas, suas falhas traumáticas, definidoras de uma história dramática, arrebatando-se contra o mundo da neurose e, mais ainda, o da psicose.

Mannoni, em especial, é aquela das três que mais deixou-se interrogar pelas diversas correntes da psicanálise e, sobretudo, aquela que mais se permitiu interpelar pela loucura. Em seu livro "O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psicanálise" (em má tradução vernácula), ela lança nas pegadas de Freud, um grito de alerta: a loucura precisa ser acolhida, o delírio é uma tentativa de cura, ele precisa ser suportado.

Sob a influência direta de Lang, ela não cai na ilusão de que a "viagem" da loucura possa ser feita pelo próprio paciente, sozinho. Mannoni conhece profundamente Lacan e sua contribuição para a psicanálise. Aliás, nenhum colega foi tão elogiado por Lacan em seus seminários quanto Maud Mannoni.

Ela sabe que esse ser fundamentalmente desamparado em sua prematuridade só pode vir a ser sujeito se o outro e o Outro o tornarem ser humano. Isto é, na linha direta de Freud, Mannoni vai centrar toda sua concepção de "doença" psíquica dentro do complexo de Édipo. É interessante notar como Freud, na medida em que foi amadurecendo e aperfeiçoando seu pensamento, acabou centrando a formação do aparelho psíquico da segunda tópica, inteira dentro do Édipo. Id, ego e superego só são possíveis de serem concebidos teoricamente porque a singularidade do sujeito se forja, se estrutura dentro da evolução edípica. Freud deixa a concepção das chamadas fases e simplesmente revê sua descoberta do aparelho psíquico e a recoloca em termos de estruturação e de estrutura. Ora, Mannoni, inspirada em Lacan, vai levar às últimas conseqüências a questão da configuração dos distúrbios psíquicos, implantando-os exclusivamente no âmbito do Édipo e da castração. Lacan radicalizou essa concepção: o edifício da psicanálise, diz ele, rui por terra se eliminarmos o Édipo e a castração. Por isso toda psicanálise que se pretenda como tal e se afaste desses dois eixos que não

outros que os eixos da diacronia e da sincronia, extravia-se da episteme que lhe é própria e a leitura do inconsciente é deixada ao largo. Daí que a psicanálise hic et nunc, tendo em vista a contribuição radical e disruptiva de Freud, nos deixa perplexos.

Mannoni vai a fundo e aos pormenores da historização de cada paciente. O paciente é mero sintoma dos problemas dos pais. A firmeza teórica de Mannoni se deve a que sua teoria, à semelhança da de Freud, dimana diretamente de sua clínica. No frontispício de suas colocações resplendem dois princípios fundamentais:

1) "Nada pode ser compreendido na psicose, se não se situa a maneira segundo a qual o sujeito (desde antes de seu nascimento) foi preso em certo feixe de palavras parentais" (9)

2) " A gravidade das desordens psicóticas da criança está ligada à maneira segundo a qual, muito cedo em sua vida, defrontou-se com uma palavra mortífera" (10)

Dois princípios básicos que, de verdade, um cobre o outro. Um louco não se faz numa só geração. Exceto traumatismos catastróficos, normalmente são necessárias várias gerações para que surja um doente psíquico numa família. Para Mannoni fica, pois, evidente que não é a doença que conta e sim o doente. A doença funciona para ela como um sintoma, um sintoma que denuncia o estado psíquico em que o sujeito foi concebido, gerado, e "alimentado" em seu desenvolvimento psíquico. Já, bem antes que venha ao mundo, antes mesmo que seus pais se conheçam, a base da trama edípica está pronta. Na medida em que os pais tecem seus projetos, inclusive, ou sobretudo, o dos filhos, estes estão com a sorte lançada. "Certo feixe de palavras" é o discurso da repetição sintomática, o discurso que alimenta a estrutura neurótica ou que faculta a psicose.

Para Mannoni, teoricamente falando, e pela minha prática clínica, se não for inútil tratar da criança-sintoma, será pelo menos um trabalho hercúleo com pouca chance de prognóstico. E a razão é simples: por mais que trabalhemos a criança (ou o adolescente doente!) ao voltar para casa ela estará sempre às voltas com "esse feixe de palavras parentais". Ora, é esse "feixe" que é a causa e a sustentação de seus sintomas. A criança, se tiver a oportunidade de uma verdadeira análise, na medida em que passe da repetição à lembrança, da lembrança à rememoração e da rememoração à elaboração, entrará no impasse de uma angústia crescente. . Só na medida em que conseguirmos desarticular o discurso parental que mantém a profecia, o voto, os oráculos ou os juramentos que sustentam a alienação do desejo do filho,

é que este começará a ter acesso ao seu desejo. Como o filho pode querer desejar se o desejo dos pais, ou de um deles é tão imperativo que só lhe resta a saída da conformação, da cópia, ou da oposição ?

Há palavras que são verdadeiramente mal-ditas, no sentido em que entendemos maldição. Mas a maldição não vem nem atua via qualquer castigo de Deus.

A força dela dimana exatamente da força da palavra. E palavra de pai, palavra de mãe! O filho, enquanto estiver sob essa palavra mal-dita, (Mannoni a chama de mortífera) tem chance reduzida de ter acesso ao desejo próprio. Na medida em que essa "palavra mortífera" for detectada no discurso, mais ainda no desejo dos pais ou de um deles (o genitor patogênico) proporcionalmente ocorrerá uma desimpressão dessa "marca ao nível do corpo da criança" e "o acesso a um corpo simbólico" será franqueado. Trata-se de uma operação logicisante como o é toda intervenção adequadamente psicanalítica. O desejo constitui o sujeito, mas para se ter acesso a ele é necessário que a palavra que o constitui seja liberada, pois ela está bloqueada por "um feixe de palavras parentais" que exprimem o desejo dos pais e encobrem o desejo do filho. O filho só tem uma saída diante dessa intrusão parcial ou maciça: responder como sintoma dela. O conflito entre ter que responder ao desejo parental e o vislumbre de poder despertar o desejo próprio, desencadeia uma cascata de infinitas patologias possíveis. Mannoni reduz esse discurso parental a duas chaves:

1º) "Um discurso fechado".

2º) "Um discurso dramático". **(11)**

O "discurso fechado" compreende o "mito familiar" ou como Lacan escrevia, "os complexos familiares". O mito é a primeira maneira, a mais primitiva de fazer ciência. É o modo como a família se concebe em sua história independentemente do real. É a leitura que dele a família consegue fazer para melhor se adaptar às angústias do retorno do recaiado. "Discurso fechado" porque é sempre o retorno do mesmo e a leitura única que atravessa gerações. "A criança doente é o representante ou o suporte do mal-estar parental, mas de um mal-estar que se quer guardar fechado". **(12)** O milagre da análise é poder romper essa seqüência, é impedir que a próxima geração venha a ser lida sob os mesmos ângulos e as mesmas taras familiares. A análise é ruptura, disrupção, nessa continuidade muita vez devastadora.

O complexo é um conjunto de atitudes ou de concepções das coisas que o sujeito sempre vai repetir diante de certas circunstâncias. Possibilitar aos pais e aos filhos que esse mito seja

interpretado, rompê-lo graças à nova leitura da intervenção analítica, pode mudar de imediato o arranjo inconsciente, possibilitando que certos núcleos patógenos se desarticulem, se dissipem, e novas cadeias se estruturam num rearranjo que cesse a realimentação patógena. Uma coisa é certa, a partir do momento que tiradas como "meu filho não dorme", "eu não consigo dormir tranqüila em meu quarto", "ele é nervoso porque toda minha família é nervosa", "ele faz xixi na cama com 8 anos porque eu também fiz", " eu vou ter câncer porque as mulheres de minha família morrem de câncer", etc., etc., se impõem pela linguagem dos pais, elas selam um passado e impedem o filho de ser portador de seu próprio desejo no presente. "E é por falta de poder se situar em relação a eles (os pais) que o sujeito desenvolve os seus sintomas. Na relação mãe-filho tudo o que toca as noções de dependência, frustração, não é na realidade senão a colocação da relação fundamental do sujeito à coisa", **(13)** ou seja, à mãe ou ao soberano bem que é interdito. Ora, é o interdito do incesto que separando a criança da lei da mãe, permite-lhe o acesso à lei do pai que consiste no advento da ordem, da cultura, da linguagem; por isso mesmo "Freud ao insistir sobre o Édipo, mostra que nada pode ser articulado sobre a sexualidade do homem se ela não passar pela lei da simbolização ... E o que é rejeitado no simbólico reaparece no mundo exterior (o real) sob forma de alucinação. Segue-se uma espécie de degradação em cadeia que se chama delírio".

(14)

Daí que ao receber os pais, importa discriminar qual é a demanda dos pais e qual é a demanda do filho. A demanda, por se articular com o significante, sempre é demanda de outra coisa, "e o desejo aparece como suporte daquilo que quer dizer a demanda, além daquilo que ela formula". **(15)** O traquejo do analista o conduzirá à escuta do que o discurso do pai ou da mãe ou de ambos veiculam. Que genitor é patogênico? Com tempo e prática logo podemos verificar dentro da estrutura edípica que lugar ocupa a criança. Ir mal na escola, irrequieto, hipercinético, dorminhoco, "preguiçoso", agressivo, mordedor, alheio a tudo, desligado, incapacidade de concentração, escrupuloso, lavar as mãos sem parar, trocar de letra, dificuldade em se alfabetizar, problemas com a matemática, indisciplina na escola, inibições, insegurança, insociabilidade, sexualidade hipertrofiada, masturbação contínua, droga, fumo ... e outros sintomas são sempre e invariavelmente sintomas de um "discurso fechado". A criança nasce na absoluta indiferenciação: são os pais que lhe fornecem significantes que lhe estruturam e fixam a diferença, sexual, subjetiva. "A posição do psicótico face ao desejo tem alguma relação com a maneira como é chamado a se ocupar de uma função na constelação familiar ... é suficiente um "louco" que expie para preservar o equilíbrio da fratria e dos pais ... se o doente se instala no não-desejo, isso corresponde de fato ao voto profundo da família".

(16)

E isto é tão verdade que quando a análise alcança uma mudança nesse quadro, na medida em que o filho doente se recupera, outro membro da família adocece. A conclusão de Mannoni diante dessas constatações clínicas vem como seqüência lógica: "o quadro, depositário do mundo fantasístico do paciente, deve portanto tornar-se objeto de análise para permitir que se desatem os laços psicóticos estabelecidos pelo paciente com a instituição psicanalítica ou

social. A análise do quadro é a colocação às claras daquilo que, na imagem do corpo do paciente, permaneceu espedaçado". **(17)**

E é essa leitura do quadro do psicótico que, salvas as diferenças, tenho feito também no caso de neuróticos.

Enfim, o discurso dramático. "O drama a que somos remetidos não é o da doença da criança e, sim, o drama de existir para os pais". **(18)** Esse discurso estará sempre ligado ao tema do abandono, da morte, da destruição e da condenação. Não raro trata-se de um episódio real ou imaginário, mas de qualquer modo violento, disruptivo, implantando no inconsciente um núcleo patógeno qual vulcão adormecido e que, diante de situações precisas, fará seu retorno com o montante de angústia suficiente para abalar o sujeito. O discurso dramático toma formas de ameaças, "assassinato de almas", catástrofes, fim do mundo, violentação, morte ... o drama sempre se encontra ligado a um trauma e o trauma para o ser humano é básico: consiste simplesmente no fato de que a criança tem que se separar da mãe. E esse trauma será tanto mais aberto à solução quanto mais a mãe se abrir aos efeitos da função paterna. É o caso que a mãe faz do discurso do pai, diz Lacan, que vai permitir que a criança passe por esse trauma de maneira equilibrada ou desastrosa. Na realidade as patologias têm aí seu fundamento e origem. O analista atento saberá esquadrihar o quadro da concepção, nascimento e desenvolvimento da criança, "pois não o diremos de novo jamais o bastante: é no momento em que o psicótico é chamado a dever se acordar a significantes, que ele faz, em condições precisas, um esforço que acaba no desenvolvimento de uma psicose".

(19)

O trauma é inevitável e o que a clínica demonstra é que ele no mínimo deixa sua marca, só que para uns mortífera e para outros menos dramática.

O trauma é sempre um mau encontro com o real. Ele forma o que chamo de núcleo patógeno. Assim como todo e qualquer patógeno é gerador de infecção, o núcleo patógeno consiste em concentrações endurecidas, cristalizadas, de significantes que não circulam livremente nas redes do inconsciente e cujo conhecimento nos chega apenas pelas manifestações sintomáticas. O núcleo patógeno tem que ser jateado por intervenções adequadas, desfolhado como uma cebola para que seu conteúdo possa circular livremente nas redes de significantes. O núcleo patógeno é um tumor que precisa ser drenado para que seus tecidos envolventes voltem a uma superfície normal permitindo uma circulação renormativizada.

A PRÁTICA DE ANÁLISE DE PAIS

Tendo justificado do ponto de vista teórico a análise dos pais, vejamos agora o atendimento. Partimos, pois, da idéia de que recebemos os pais em análise. Do que precede fica evidente porque os recebemos e não a criança. Abriríamos exceção para casos extremos, casos já

avançados de crianças francamente psicóticas ou caso de sintomas provenientes de limitação física, como por exemplo uma criança que nasceu sem o centro de controle do sono e, por excesso de intervenção médica, não conseguiu ter uma imagem unificada de corpo (esquema corporal próprio) aos cinco anos, portanto, sem ter alcançado a formação do Eu,. Seria exceção também a necessidade de recuperação escolar, deficiência não superável a não ser com o auxílio de uma pedagoga ou outros casos semelhantes. Esses casos são encarados, metaforicamente falando, como se a criança tivesse a necessidade de uma suplementação alimentar.

Em princípio partimos sempre do fato de que os pais, até nova ordem, são os formadores e educadores suficientes da subjetividade do filho. Se as perturbações, os sintomas surgem é porque em algo, em algum aspecto a trama de significantes parentais está emperrada. Desde que não sejam perversos ou extremamente rebaixados de inteligência, a análise dos pais, no nosso entender, deve ser tentada.

Toda intervenção interdisciplinar simultânea reputamos inútil e prejudicial . Só agrava o problema da criança. Há duas razões para isso: primeiro, não é possível que a criança (aliás o adulto também) consiga sustentar um tratamento com várias transferências ao mesmo tempo e, segundo, nenhum dos profissionais entra em pleno na transferência uma vez que sempre um espera que o outro consiga o que ele não alcança.

A multiplicidade de transferências simplesmente impossibilita o trabalho de uma verdadeira cura. Nas diversas alternativas simultâneas a criança fica dividida, e corre-se o risco de não ir à causa dos sintomas: os sintomas da criança quando muito receberão apenas um tratamento sintomático. Essa prática leva a criança a patinar em sua problemática com perigo de cronificação para o resto da vida. O tratamento multidisciplinar se baseia na ilusão do mito da totalidade. Vive-se a impressão de que a problemática fica circunscrita sob todos os aspectos sintomáticos. “Na relação com o psicótico - diz Mannoni - aquele que dele cuida (“le soignant”) geralmente foge da transferência (isto é, de tudo o que o paciente veicula com relação à morte, ao sexo e ao corpo); o medicamento vem aí proteger o médico, é a resposta que ele oferece ao sintoma; pode assim ignorar o que no outro procura falar (e que não é outra coisa senão o retorno do recalado em nós)”. (20)

A completude é um sonho vão e pernicioso: a análise demonstra pela castração que o sujeito humano é sujeito barrado e é enquanto barrado que consegue ser verdadeiramente sujeito. A totalidade é ideal de ego puramente da ordem da fantasia, tão em voga em nossa sociedade do imaginário, do consumo. Enfim, uma última consideração prática: Todas as vezes que vi procurarem a multidisciplinaridade com criança, resultou exatamente no statu quo, senão com uma agravante: a cristalização do sintoma.

Igualmente, a chamada ludoterapia. Ao longo de minha vida de psicanalista só tive decepções com os casos de crianças tratadas por essa técnica psicológica. A meu ver, trata-se de mais

uma prática psicoterápica de “imaginário sugerido”.

A análise dos pais resulta em outra vantagem apreciável. Com ela se evita a psiquiatrização dos sintomas. A criança passa por mudanças, graças a um discurso que mudou, desatando-a de “leis” e sentenças que lhe impunham uma resposta sintomática.

Nosso ponto de vista, portanto, é de que os pais são necessários para a educação dos filhos, mas suficientes. São os pais que, ao acolher a criança, a inscrevem no mundo da linguagem, no mundo simbólico e, ao assim fazer, transpõem os filhos do mundo do acasalamento para o mundo da cultura. Os pais são os condutores (necessários) das pulsões de seus filhos. E, dada plasticidade da pulsão e sua indeterminação quanto ao fim, com exceção de que está à procura de satisfação, conduzi-la é questão de absoluta necessidade, pois sem isso não se hominiza, não se humaniza, fica-se sem chance de sublimar.

Isto, em termos psicanalíticos, quer dizer que a castração é o único instrumento de normatização da pulsão e é a normatização da pulsão que permite que o sujeito seja sujeito e usufrua de um estado psíquico o menos neurótico possível. Abre-se-lhe o caminho da sublimação. Freud não hesita em afirmar que a civilização é fruto da repressão.

Na escuta dos pais importa detectar como a função paterna agiu ou está agindo. Qual é a posição da criança no Édipo? Onde falha a triangulação? Do lado do pai? Do lado da mãe ou de ambos? Qual é o genitor patogênico? Haveria uma inversão da relação triangular pendendo do lado da mãe ou do lado do pai? Que posição ocupa a mãe em relação à função paterna? Nunca nos esqueçamos de que tudo depende da mãe: “é o caso que ela faz da palavra do pai”. No fundo as patologias dependem do posicionamento da mãe em relação à função paterna.

De outro lado podemos, ao menos do ponto de vista teórico, afirmar que uma mãe solteira, ou de produção independente, pode fazer valer a função paterna, introduzindo a figura masculina, seja de um parente, de um amigo ou conhecido. Nunca podemos esquecer que a função paterna é da ordem do simbólico e ela vai estar presente sempre que a diferença sexual se mantiver respeitada.

Podemos também verificar de que lado ou onde está o gozo do sintoma da criança. O gozo é determinante no desvelamento do sintoma. Se soubermos desmontar onde está o gozo, o sintoma pode vir a desaparecer pelo efeito a posteriori. Assim a briga entre irmãos, que é uma coisa saudável, sempre vem acompanhada do gozo de ver os pais tomarem partido por um

deles. O mesmo se diga da criança que mercadeja seu escíballo.

Os pais sempre nos procuram por causa dos sintomas de seus filhos. Aqui, como na análise individual, importa não se preocupar com a queixa, por mais que os pais insistam. Os sintomas são nossos guias, significantes que remetem a criança a outros sintomas ou significantes cujo sentido virá tranqüilamente no decorrer do processo analítico.

As intervenções do analista serão sempre e exclusivamente no discurso dos pais. Preservar a subjetividade dos pais é o segredo da análise dos pais. Isto é evidente por si, pois a análise, como diz Freud, é “per via de levare” e não de “pore”. Não compete ao analista o processo de educação dos filhos, os pais são bastantes desde que a análise venha fazer luz sobre a trama dos sintomas. O analista se absterá de dar orientação, conselho, pois isso além de criar uma relação de dependência dos pais, é frontalmente contrário à regra de abstenção e perfeitamente dispensável uma vez que os pais interessados são suficientes para dar conta do processo.

A análise caminha sempre no sentido da retificação das relações edípicas, o que permite “integrar a relação subjetiva”. E isto é tão verdade que o efeito sobre o filho (e aí nós temos uma prova clínica de que estamos a caminho da cura) acontece a partir da mudança subjetiva dos pais, sem que necessariamente tenham agido no real. Os pais não raro se assustam diante da mudança efetiva da criança, graças ao tratamento deles. A eficácia da palavra ou do simbólico, tão acentuada por Lacan, é uma eficácia a posteriori e ela só se realiza por uma movimentação, um rearranjo dos significantes do inconsciente.

Nunca é demasiado ressaltar que nisto o analista está absolutamente incôscio. Só há trabalho com o inconsciente quando se trabalham suas manifestações ou, por outra, o rearranjo de suas redes de significantes só acontece por uma intervenção na transferência cuja conseqüência nos escapa. Só a posteriori podemos constatar, se é que conseguimos, que a intervenção foi eficaz.

Não está na mão do analista perceber de antemão que intervenção frutificará ou não. Só o a posteriori lhe dará ciência se houve ou não encaminhamento do tratamento para a cura. Lacan, apropriadamente, dizia que, quando o paciente se cura, é “apesar” de nós, analistas! O retorno que o paciente nos dá na sessão seguinte, normalmente nos coloca numa posição humilhante: a eficácia simbólica agiu onde nós nem sequer pensamos que pudéssemos atuar.

Mas não estamos totalmente sem recursos para constatar que uma análise caminha bem. Há três sinais que nos colocam em certeza clínica: primeiro, é a agravação do sintoma; segundo, é o surgimento da agressividade; Lacan diz explicitamente que ela é a mola da análise e, terceiro, quando a criança-“problema”, deixando de ocupar o lugar de “doente” ou de “bode expiatório” da família, outro membro da família adocece. A cura acontecerá quando esse movimento de gangorra cessar.

Quando falo de reestruturação edípica quero dizer: os pais, iluminados pelas intervenções na transferência, se abrem ao encaminhamento de novos significantes que facultam à criança o não responder mais do mesmo lugar ao discurso parental. Liberada do “discurso fechado” ou “dramático”, a criança se expande na alegria do exercício da subjetividade própria. “A análise, diz Mannoni, desaloja a criança do lugar que ela ocupa no real (ela é, no real, a fantasia materna, é assim que ela tapa a angústia ou enche a falta da mãe) e isso não se pode fazer a não ser ajudando o (a) genitor (ra) patogênico (a) a quem a criança está ligada”. (21)

A função essencial da palavra é nomear, ou se quiser, re-velar. Trazer a verdade - “80h0Ê” - do sintoma à luz, des-cobrir o núcleo patógeno que o sintoma anuncia e cobre. A intervenção da palavra certa na hora certa da transferência dissipa o núcleo patógeno, a rede de significantes se destrava do “discurso fechado” e a verdade (libertadora) passa a circular.

Os pais nos procuram com muita ansiedade. Há todos os tipos de sentimento e apreensões ao procurar um psicanalista. Muitos pais nos procuram por vez primeira, mas muitos outros já vêm desanimados, armados de defesas e mesmo revoltados de tantas tentativas de cura.

É preciso desconstruir os pais, pois temos que partir do princípio que é impossível saber o que é ser pai, ser mãe. Importa acolher a demanda dos pais e a queixa que formulam. Acolher, mas jamais responder à demanda. O próprio progresso da análise se encarregará de demonstrar que a demanda é demanda de outra coisa. Ela é um sintoma que aflora. Na verdade a demanda é demanda de uma ordenação subjetiva que eles mesmos não conseguem alcançar.

Temos que fechar em cima de trabalhar exclusivamente com o discurso dos pais e se jamais devemos responder à demanda, fica patente que não se trata de teorizar com eles, sobretudo repetindo jargões de psicologia ou psicanálise. Sempre que os pacientes (sobretudo se são médicos ou psicólogos) encaminham o discurso para esse lado importa ouvi-los e não partir para a discussão e, sim, relançar o discurso parental interrompido. Nunca esquecermos que nossa especialidade é dar tratos à “psicopatologia da vida cotidiana”.

Faz pensar a maneira como os pais entram pela primeira vez em nossa sala. Trata-se de entender como vivem a vida cotidiana. É um pai que se adianta à mulher e inicia o discurso ou o contrário, uma mulher que toma a dianteira em tudo e o marido, o pai, é uma figura por ela pouco ou nada considerada. Então ter como princípio: fazer com que o casal associe essa maneira de agir e jamais ouvir apenas um lado do discurso parental.

Muitas vezes somos solicitados a dar nossa opinião. Repito, como a psicanálise é “per via de levar” qualquer sugestão ou opinião quebra a regra de abstenção e o vínculo transferencial cuja essência é promover a subjetividade do paciente. Diante dessa solicitação sempre podemos remeter ospais a um fragmento anterior do discurso ou, caso se trate de algo fora de nossa alçada, remetê-los a quem de direito ou de ofício.

Na condução da análise dos pais, além do princípio de retificação edípica em virtude da função paterna, devemos levar em conta que essa retificação só é possível se vamos em busca da Lei. Lei com letra maiúscula. O fato de o homem estar sob a Lei da fala faz com que tudo, absolutamente tudo nele esteja sob a ordenação da Lei. Do dormir ao acordar, do acordar ao dormir ele é regido pela Lei. Fal’ente, ente que fala, ente cujo ser é fruto da fala, “a palavra é seu habitáculo”. Essa Lei lhe impõe ordens às vinte e quatro horas do dia e, além disso, inclui o passado e o futuro. É a Lei da fala que faz o Homem. Sem Lei, a pulsão fica “desatada”, se enlouquece, não há desejo, não se humaniza. O ser humano sem Lei se degenera como sujeito e não consegue ocupar um lugar como socius. Receber os pais em análise e não a criança, importa procurar onde está a Lei. Que discurso a sustenta ou a distorce. Procurar a Lei, eis o segredo! Só a castração garante a ética do desejo (“não cederás ao teu desejo” uma vez que o conhecestes), e o acesso a ele ou a renúncia consciente, sublimante, é a sua possível realização.

O analista esteja atento à localização da problemática exposta na queixa. Jamais confundir conflitos do casal, da vida conjugal com problemas relacionados à paternidade ou à maternidade. Que não paguem os filhos a dívida que onera o casal. Todo casal que nos procura por causa dos filhos, após algumas sessões passa a tratar dos verdadeiros problemas: os problemas de relacionamento conjugal. Esses problemas em geral se radicam nas famílias de origem. Ao constituir a terceira família , um ou outro cônjuge (senão os dois) , continua sintomaticamente ligado às estruturas neuróticas atávicas. E isto, não raro, impede a união de um homem e de uma mulher.

Os pais minimamente neuróticos são aqueles que têm consciência das ciladas que a dívida edípica lhes arma. Conseguir formar uma terceira família além das duas famílias de origem, é coisa da vida toda, é renúncia sem interrupção. Mas isso não seria condição de maturidade?

Talvez de felicidade na vida a dois?.

Existem apenas duas leis no relacionamento humano, sobretudo entre homem e mulher: a lei do amor e a lei do ódio. Trata-se de dois extremos de uma régua só. O “agir contra” ou atuar para “mostrar para o outro”, o atuar projetivamente, é império da luta de prestígio. Ora, a luta de prestígio só tem um destino: a morte.

Escutar o casal justamente onde ele não consegue mais se escutar, eis o segredo da análise de pais.

Concluamos com a mensagem lapidar de M. Mannoni: “A loucura, sob a máscara mais impenetrável, nos remete então, àquilo que de nós é alienável, mas também àquilo que em nós resta como núcleo “inanalísável”; é com esse núcleo que estamos às voltas quando nossa interrogação se porta sobre o outro. É naquilo que de nosso ser nos escapa que a loucura nos interroga”. (22)

CONCLUSÃO

Se os pais são a causa (inconsciente é evidente!) dos sintomas dos filhos, vale aqui o antigo adágio: “Remota causa, tollitur effectus”... removida a causa, tira-se o efeito.

Os pais movidos pela angústia do problema do filho, [a não ser que sejam ambos (ou um deles) perversos] facilmente entram em transferência e o processo de análise se desencadeia devagar, mas firme. É notável como a mudança do quadro resulta na imediata mudança da criança.

Sabemos que, se análise caminha sempre dentro dos dois eixos da diacronia e da sincronia, na verdade quem a sustenta é o significante. A cadeia da historização do sujeito é estruturada e articulada pelo movimento do significante. O significante é “diferença pura”, ele é “o ovo” da psicanálise. A descoberta do inconsciente em Freud não é outra coisa que a descoberta de que a rede de significantes estrutura a pulsão, articula a demanda e suporta o desejo. O significante é o elemento epistêmico e heurístico que permite a articulação da psicanálise como uma ciência (embora do indivíduo), separada das demais ciências que abordam o ser humano. Só existe singularidade do sujeito porque o significante o determina de maneira original, como nunca houve um antes nem haverá outro depois.

Descobrir na escuta dos pais quais são os significantes do mito familiar, quais são os significantes que organizam e movimentam a família, aqueles que freiam a criança em seu desenvolvimento psíquico, é uma descoberta preciosa, um tesouro clínico. A partir daí tudo pode mudar na vida de uma criança sem que sequer a vejamos. Poderia multiplicar os exemplos da clínica. Gostaria de mencionar que mesmo em casos de crianças ou adolescentes em surto psicótico, temos trabalhado exclusivamente com a análise dos pais. Jamais vemos os filhos!

Toda análise se baseia no princípio da castração. Que é a castração? Lacan a colocou lucidamente na articulação da função paterna. A função paterna é o eixo ao redor do qual toda análise gira. É a função paterna que opera a separação da criança do desejo da mãe e, ipso facto, lhe possibilita que seu desejo se constitua no inconsciente e, a partir daí ela possa se tornar por sua vez um ser desejante, isto é, um sujeito. Ocupar a posição terceira, eqüidistante na triangulação, com o pai e com a mãe, é a condição de normatização do sujeito. Caso essa posição não seja eqüidistante, os mais diversos distúrbios podem ocorrer. Aí surgem os sintomas. Os sintomas são meras metáforas dos núcleos patogênicos. Não há de se preocupar com eles. Jamais abafá-los. Quanto menos se incomodar com eles mais rapidamente desaparecerão. Os sintomas são estruturas necessárias para a sobrevivência do sujeito. Abafá-los como tenta fazer a psiquiatria ou a psicologia do ego ou as terapias comportamentais é um equívoco para o paciente que, neles, tem meios de sobreviver.

“Mostramos alhures, diz Mannoni, que não se pode isolar o sintoma da criança doente não apenas de seu próprio discurso, mas também do discurso que a constituiu, essencialmente o discurso parental. O sintoma da criança colmata, no discurso familiar, o vazio onde uma verdade que não é dita é criada. Assim esse sintoma é necessário àqueles que têm que se proteger contra o saber da verdade em questão”. E aí a autora conclui dentro da mais pura lógica de sua concepção: “a querer tratar o sintoma, é a criança que se rejeita”. (23)

Maud Mannoni conclui sua experiência: “O trabalho clínico do psicanalista pode se inscrever, em nossos dias, num sistema médico-administrativo que participa de uma alienação social. “Psicoterapizam-se” em cadeia crianças que não sabem porque são conduzidas ao dispensário. Os pais se encontram geralmente colocados fora da empreitada; os analistas, mulheres em maior parte, têm a tendência, inconscientemente, de “raptar” a criança do mau pai (ou mãe), muitas vezes substituindo o pai avaliado como fraco demais, forte demais, ausente demais, breve, sempre demais qualquer coisa - é um incômodo”. (24)

Em nosso entender e segundo temos constatado ao longo de nossa prática, prejudicamos a criança quando a tratamos e ignoramos os pais. É simplesmente admirável a força de

reordenação edípica que os pais têm em mãos desde que essas mãos sejam desmanietadas dos significantes que as retêm. Casos graves, como uma psicose incipiente com alucinações visuais, vozes, podem ser revertidos radicalmente apenas pela análise dos pais. O que faz mudar a situação, o que produz ato, não é uma mudança comportamental dos pais, que, sem dúvida, tem seu valor, mas, sim, a “retificação subjetiva” deles em função do filho. Muito pode mudar numa criança ou num adolescente quando os pais tomam uma posição retificante de seus desejos. É essa “retificação subjetiva”, portanto essa mudança interior dos pais que produz ato no inconsciente dos filhos, desatando-os do discurso fechado ou dramatizado. Trata-se de um processo cujo efeito sempre é a posteriori, mas que dificilmente (mais uma vez exceto no caso de pais perversos) não produza efeitos de cura.

É muito importante que os pais sejam tidos em conta de ser os verdadeiros condutores da hominização de seus filhos. Eles precisam dessa consciência. Os pais não podem passar a responsabilidade daquilo que é da alçada e do alcance deles na educação dos filhos, a profissionais, sobretudo aos profissionais PSI, que podem lhes fornecer um imaginário perfunctório de que estão a fazer o melhor para seus rebentos. Esse é mais um motivo porque a multidisciplinaridade no atendimento da criança é infrutífera, senão desastrosa.

A castração sempre é corte, consiste sempre na introdução do significante lá onde a paixão, a desordem, a pulsão solta operam seu desserviço. Os pais, iluminados em sua própria história e em seu discurso, atuam com firmeza produzindo a retificação necessária. Basta acreditar neles, acreditar no filho. O psicanalista é alguém que cada vez mais na vida desconfia de si, das irrupções de seu próprio inconsciente e cada vez mais acredita nas virtualidades do outro, graças ao infindo poder criativo do Outro.

Muito cedo, às vezes após a primeira sessão, os pais se dão conta de que o problema está neles e não no filho. E é deveras interessante como a partir daí eles passam a expor seus conflitos, ou suas contradições, que os impedem de se entender em relação ao filho e, evidentemente, em relação a eles mesmos. É a partir daí que a análise de pais toma seu rumo.

Atender os pais propicia-se-lhes a reafirmação das relações a dois, a resolução ou o amainar dos conflitos, não raro a preservação da família, o encaminhamento do filho, evitando-lhe a cronificação dos sintomas, ou quiçá, a análise lhes possibilite o rompimento de relações insustentáveis. Uma coisa é certa: o trabalho com os pais é um trabalho gratificante.

Durval Checchinato
Psicanalista

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - Lacan, Jacques : Ornicar? revue du Champ freudien - nº 37 Navarin Éditeur, Paris, 1986. Pág. 13, 14.
- 02 - Fuks, Betty Bernardo : Freud e a Judeidade: A Vocação do Exílio - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000. Trata-se de uma obra original, muito rica. Revela-nos uma face de Freud que nos encanta e ao mesmo tempo nos ilumina no entendimento de como a psicanálise pôde surgir.
- 03 - Lacan, Jacques : Écrits - Éditions du Seuil, Paris, 1967. Pág. 579.
Escritos - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998. Pág, 585.
- 04 - Pessoa, Fernando : Obra Poética - Editora Nova Aguilar S/A, Rio de Janeiro, 1995. Passim pág. 128, 130.
- 05 - Idem, Ibidem : Passim pág. 413, 455, 129, 127.
- 06 - Mannoni, Maud : Le Psychiatre, son “Fou” et la Psychoanalyse - Édition du Seuil, Paris, 1970. Pág. 137, 138.
O Psiquiatra, seu “Louco” e a Psicanálise - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971. Pág. 146.
- 07 - Lacan, Jacques : Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987. Pág.60.
- 08 - Idem, Ibidem : Pág. 52.
- 09 - Mannoni, Maud : Le Psychiatre, son “Fou” et la Psychanalyse - Éditions du Seuil, Paris, 1970. Pág. 53.
O Psiquiatra, seu “Louco” e a Psicanálise - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971. Pág. 56, 57.
- 10 - Idem, Ibidem : Pág. 52.
Idem, Ibidem : Pág. 56.
- 11 - Mannoni, Maud : L’Enfant, sa “Maladie” et les Autres - Éditions du Seuil, Paris, 1967. Pág. 117.
A Criança, sua “Doença” e os Outros - Via Lettera Editora e Livraria Ltda, São Paulo, 1999. Pág. 116.
- 12 - Idem, Ibidem : Pág. 116.
Idem, Ibidem : Pág. 116.
- 13 - Mannoni, Maud : Le Pshychiatre, son “Fou” et la Psychanalyse - Éditions du Seuil, Paris, 1970. Pág. 125.
O Psiquiatra, seu “Louco” e a Psicanálise - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971. Pág. 133.

14 - Idem, Ibidem : Pág. 126.

Idem, Ibidem : Pág. 133.

15 - Idem, Ibidem : Pág. 127.

Idem, Ibidem : Pág. 134.

16 - Idem, Ibidem : Pág. 127, 128.

Idem, Ibidem : Pág. 135.

17 - Idem, Ibidem : Pág. 139.

Idem, Ibidem : Pág. 147.

18 - Mannoni, Maud : L'Enfant, sa "Maladie" et les Autres - Éditions du Seuil, Paris, 1967. Pág. 117.

A Criança, sua "Doença" e os Outros - Via Lettera Editora e Livraria Ltda, São Paulo, 1999. Pág. 117.

19 - Mannoni, Maud : Le Psychiatre, Son "Fou" et la Psychanalyse - Éditions du Seuil, Paris, 1970. Pág. 195.

O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psicanálise - Zahar Editores Rio de Janeiro, 1971. Pág. 206.

20 - Idem, Ibidem : Pág. 129.

Idem, Ibidem : Pág. 136.

21 - Mannoni , Maud : L'Enfant, sa "Maladie" et les Autres - Éditions du Seuil, Paris, 1967. Pág. 95.

A Criança, sua "Doença" e os Outros - Via Lettera Editora e Livraria Ltda, São Paulo, 1999. Pág. 99.

22 - Mannoni, Maud : Le Psychiatre, Son "Fou" et La Psychanalyse - Éditions du Seuil, Paris, 1970. Pág. 120.

O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psicanálise - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971. Pág. 126, 127.

23 - Idem, Ibidem : Pág. 184.

Idem, Ibidem : Pág. 195.

24 - Idem, Ibidem : Pág. 232.

Idem, Ibidem : Pág. 244.